

GT36: Ensinar e aprender Antropologia

Guillermo Vega Sanabria, Amurabi Oliveira

Até recentemente, foi notável a expansão que a Antropologia alcançou no Brasil, tanto pelo incremento de cursos de formação de antropólogos em nível de pós-graduação e de graduação, quanto pela sua inserção em outros contextos educacionais. Esse quadro exige uma reflexão cada vez mais consistente sobre as transformações e as especificidades do ensino e do aprendizado da nossa disciplina. Tal reflexão passa pela análise do processo formativo, em termos pedagógicos e didáticos, por exemplo, mas também por assuntos centrais na configuração da própria disciplina, como a relação entre teoria, métodos e história da antropologia. A discussão proposta por este GT é fundamental para compreendermos os rumos da Antropologia como ciência e como prática profissional na atualidade. Os trabalhos aqui reunidos visam analisar a formação em Antropologia a partir de sua inserção em diversos espaços educacionais, bem como os desafios postos para sua realização. Também interessa aprofundar nos fundamentos históricos, epistemológicos, teóricos e pedagógicos do ensino e da aprendizagem de antropologia, no intuito de promover desenvolvimentos didáticos que redundem no aperfeiçoamento da formação não apenas de antropólogos e cientistas sociais, mas também de outros profissionais que se beneficiam do conhecimento antropológico. Igual atenção merece o ensino e a aprendizagem da disciplina na educação básica e, eventualmente, em outros contextos, inclusive não escolares.

Tecendo narrativas de campo: reflexões sobre escritas e entrevistas

Autoria: Franciele Alves da Silva

A formação em Ciências Sociais, em especial, no campo da antropologia tem como um de seus temas fundamentais o estudo das principais atividades do pesquisador ou melhor dizendo, do tornar-se um ou uma pesquisadora nesta área do conhecimento. Um dos textos clássicos abordados nesse processo de aprendizagem é do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1988) "O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever". Esses "atos cognitivos", como denomina Cardoso o olhar, o ouvir e o escrever, são tidos como três formas de apreender os fenômenos sociais no processo de pesquisa e de produção do conhecimento e, como tal, devem ser problematizados. As reflexões desenvolvidas pelo autor sobre o desnaturalizar o olhar e o ouvir, demonstram a importância do arcabouço conceitual e epistemológico para observar a realidade e apreender o "mundo do nativo". Estas duas etapas consideradas como essenciais ao trabalho de campo se desenvolvem em um contexto problemático, uma vez que o encontro dos mundos do nativo com o do pesquisador se dá por meio de relações assimétricas. Ou seja, aqui podemos indagar sobre a posição do pesquisador em campo e as relações de poder que se imbricam nessa interação social. Haveria um caminho para construir processos mais dialógicos? Essa é uma questão que se impõe não apenas para cientistas sociais e antropólogas em formação, mas que se refaz continuamente no "ser" pesquisador e pesquisadora e fazer antropologia. Finalmente, se juntarmos o terceiro ato cognitivo acionado por Roberto Cardoso de Oliveira, o escrever, como sendo o momento em que a experiência de campo é textualizada e o conhecimento sobre os fenômenos socioculturais é produzido, acrescentamos mais alguns fios nesse tear antropológico. Esses fios, misturam-se e por vezes parecem um emaranhado de uma coisa só - o campo, as interações entre pesquisador e interlocutores, a escrita como produto do processo de produção de conhecimento. É possível desenrolar os fios? Podemos entrelaçá-los de diferentes formas? Essas proposições colocam em cena o pensar sobre a construção das narrativas etnográficas, assim o "estar lá" em campo e o "estar aqui" tecendo a escrita desse campo podem se combinar de forma mais dialógica, não como momentos cindidos, mas como fios que se complementam. Este ensaio tem como objetivo apresentar

algumas reflexões sobre trabalho de campo e as vivências construídas nesses encontros e nos diferentes contextos de pesquisa etnográfica. Nesse sentido, movimentos de partilha podem fortalecer estratégias metodológicas e aprofundar concepções, encontrar contradições e novos caminhos, em suma, tomar as relações próprias do ser antropóloga como dinâmicas porque se fazem de interações sociais.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

